

Proposta de

PLANO DE ORDENAMENTO MUSEOLÓGICO

para o concelho de Moura

*“A reciprocidade entre uma Museologia real  
que permeia o quotidiano institucional dos processos museológicos,  
e uma outra, circunscrita ao cenário das utopias,  
poderia ser compreendida no âmbito das discussões ideológicas,  
opções metodológicas,  
ou mesmo no que se refere ao domínio das técnicas.”*

*Maria Cristina Oliveira Bruno*  
[http://tercud.ulusofona.pt/Publicacoes/2006/BrunoC\\_Text.pdf](http://tercud.ulusofona.pt/Publicacoes/2006/BrunoC_Text.pdf)

0.

## NOTA DE ABERTURA

**E**stávamos em 1972, em Santiago do Chile, e um dos mais interessantes pensadores/trabalhadores da “museologia” do século XX, H. Rivière, defendia o conceito de “museu integral” com um profundo carácter social:

*“O museu é uma instituição ao serviço da sociedade a que pertence e possui em si mesmo os elementos que lhe permitem participar no processo de formação da consciência da comunidade que serve”.*

Tendo este lema como referente, defendemos neste documento um conceito genérico de “museu” a implementar no concelho de Moura, que vai muito para além da perspectiva tradicionalista de montra de velharias em que se transformam todas as estruturas museológicas que assentam a sua filosofia, única e exclusivamente, na exposição permanente, no espaço de reservas, no inventário especializado.

Na nossa perspectiva, mais do que a exaltação do passado, os museus deverão ter como referência a criação da consciência de património, a sua interpretação e, acima de tudo, a sua disponibilização aos mais diversos públicos. Os responsáveis pelo museu devem colocar ao serviço do desenvolvimento local o património e a memória colectiva.

O programa museológico não deve assentar nos objectos que possui ou quer possuir, mas nas ideias que quer transmitir. Em vez de um museu “de”, deverá desenvolver o conceito de um museu “para”. Museus do tempo e do espaço. Um museu que crie comunicação e intensifique a relação com diferentes públicos e que marque a vida social buscando incessantemente a participação dos cidadãos.

O museu está muito para além das acções de conservação física, podendo dar forma a uma série de acções concertadas que alterem conceitos estanques de musealização do património, dando uma dinâmica de funcionamento que tenha como referência os recursos territoriais e humanos da região.

O património cultural deve ser deixado de ser contemplado pela sociedade apenas e só como um tesouro artístico, convertendo-o em algo mais valioso:

***um recurso fundamental para utilizar nas estratégias de desenvolvimento local e territorial.***

Como tal,

o Museu não significa apenas um sector a que se imputam gastos. Deve ser entendido como uma fonte de receitas associado a outras iniciativas que vão desde o emprego especializado à revalorização do sentimento local, do museu enquanto elemento dinamizador do território e gerador de projectos de investigação aplicada, à manutenção e dinamização de actividades de tradição local (como o artesanato e as produções locais), ou como potenciador de circuitos de alto interesse turístico e, como tal, multiplicador da actividade produtiva.

Assim, e para atingir esses objectivos, o museu deve ter como premissas:

- i) oferecer à comunidade os elementos que permitam reconhecer-se nele;*
- ii) aprofundar o estudo da realidade espacial e temporal;*
- iii) perspectivar a “reconstrução” do passado, trazendo inovação à história e à vida quotidiana da comunidade;*
- iv) estudar e salvaguardar o património construído, procurando retirar os elementos técnicos que promovam técnicas e fórmulas de construção tradicionais, com vista à preservação e salvaguarda do meio ambiente;*
- v) ter como objecto de intervenção o património comunitário, na mais ampla acepção do termo;*

*vi) procurar permanentemente a valorização, a conservação e a difusão do património;*

*vii) definir programas pedagógicos e educativos específicos para os mais diversos níveis de ensino, estabelecendo protocolos de colaboração com as instituições responsáveis pelos estabelecimentos de ensino de forma a desenvolver conteúdos programáticos adaptados aos diversos públicos alvo;*

*viii) assumir o seu papel de instituição cultural activa na vida cultural e social do concelho;*

*ix) desempenhar o papel de assessoria para com todas as colectividades e instituições do concelho, promovendo políticas de conservação e salvaguarda do património documental e cultural das diversas instituições.*

Por outro lado, a “actividade turística” enquanto conceito genérico, deve ser igualmente um objecto destinatário da política museológica, pelos impactos socio-económicos que gera. A museologia, enquanto fórmula de atracção de visitantes é, igualmente um meio de inserção do visitante no território. Contudo, não se pode separar o desenvolvimento turístico do desenvolvimento “glocal”, onde o global e o local se entrecruzam, e não deixar, unicamente, nas mãos dos agentes turísticos, a tarefa de criar as lógicas de visita e de atracção, sejam elas quais forem.

A importância dos museus num mundo em transição social, tecnológica, cultural e ideológica deverá ser entendida como uma plataforma de diálogo com as gerações futuras, referenciando a memória como elemento socialmente estruturante da comunidade. E, neste contexto, importa interrogar o museu quanto à sua natureza, objectivos e funções. Porque existe? O que tem para oferecer? O que pode ensinar? Que papel pedagógico e formativo pretende assumir.

O museu, enquanto espaço físico, deverá estabelecer uma relação de compromisso com as colecções e com a comunidade, para o cumprimento da sua função social e educativa. Mas deverá ter também em conta o corpo da linguagem museológica e museográfica. Deve ser atraente, formativo, mas igualmente interrogativo quanto a formas de expressão no mostrar-se.

**“O ponto focal do museu não será mais o artefacto, mas o homem na sua plenitude”**, tal como afirmava *Hugues de Varine*, em 1969.

Esta é a filosofia que está na base deste pequeno documento que, pretendemos, seja uma ferramenta básica de planeamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da instituição e para a definição, o ordenamento e a priorização dos seus objectivos e de cada uma das suas áreas de funcionamento. Poderá servir de referência para um debate interno e o estabelecimento de estratégias, a missão e os programas do museu, directrizes fundamentais para o desenvolvimento das áreas específicas de cada um dos núcleos, do Museu Polinucleado de Moura. De uma forma simples, é também nosso objectivo que este Plano ajude na sistematização do trabalho interno e para a definição da filosofia de intervenção na comunidade.

## 1.

### INTRODUÇÃO

#### *a) Definição de objectivos*

**M**oura é um concelho que oferece uma diversidade paisagística, cultural e humana de excepcional riqueza. Localizado num território historicamente identificado como *margem esquerda do Guadiana*, é logo aí marcado por uma especificidade histórica e geográfica particularmente rica.

Do ponto de vista natural, importa destacar, acima de tudo, o papel dos rios Guadiana e Ardila, tanto pela importância histórica, enquanto vias de interpenetração humana ao longo dos processos de humanização do território desde a pré-história, como enquanto fontes e reservas de diversos recursos económicos. Mais recentemente, a construção da Barragem de Alqueva, veio acrescentar uma mais-valia de difícil avaliação nos impactos precisos que virá provocar, mas assumindo-se, sem sombra de dúvida, como um importante factor de desenvolvimento da actividade agrícola e da indústria turística. Naturalmente, fonte produtora de novos públicos, novos interesses, novas lógicas económicas e, naturalmente, novas realidades sociais.

Por outro lado, a especificidade raiana do concelho não deixa de ser, igualmente, um factor de atracção primordial para chegar a outros públicos e de abrir, no campo das temáticas de intervenção, uma nova abordagem. O Município de Moura estabelece em vários pontos do concelho, nomeadamente nas freguesias da Amareleja, Santo Aleixo da Restauração e Sobral da Adiça, a fronteira portuguesa com a Espanha. Diversos são os temas que, perante esta realidade geográfica e administrativa, poderão ser trabalhados do ponto de vista museográfico, abrindo as portas a uma cooperação científica que trará ao Museu Municipal de Moura (M.M.M.) uma visibilidade internacional que poderá ser importante para a criação de parcerias entre este museu e outros projectos museológicos do país vizinho.

Estamos perante um amplo leque de realidades que abrem um caminho claro ao projecto do M.M.M., que vai muito para além do espaço nacional e regional, obrigando à criação de motivações acrescidas aos objectivos do projecto, motivando uma nova linguagem simbólica dos objectos.

Necessariamente, o conceito de “*quasi*” montra de coleccionismo que caracteriza muito o actual M.M.M., deverá ser profundamente alterado. Os significados dos objectos e os problemas que se colocam tanto do ponto de vista museográfico, como museológico, favorecem a que o Museu de Moura, enquanto produtor de experiências e mediador entre o público e o objecto, crie estratégias de fundo que alberguem as mais diversas abordagens, sem deixar de ter como referente os espaços/conceitos de educação e formação que deverão estar subjacentes aos objectivos do Museu, enquanto instituição de intervenção sócio-cultural.

Museologia e desenvolvimento integrado são conceitos que deverão estar lado a lado na conceptualização do M.M.M.. Muito mais que um simples projecto de museologia ou leitura museográfica. Acima de tudo, o desenvolvimento de uma experiência de gestão, de intervenção, de interacção com a comunidade que extrapole a simples, frágil e passadista leitura do museu enquanto sítio de exposição. Mas pede-se igualmente ao Museu de Moura, em termos de objectivos, uma visão integral da experiência museológica, nas suas relações entre objectos e sujeitos, entre história, património e território, entre formação e comunicação, entre quotidiano e cultura.

Diversos são os autores que defendem a instituição museu como “personalidade das comunidades”. Se a ideia não nos desagrada, oferece-nos associar a este conceito a ideia de **museu enquanto “laboratório da construção do futuro”**. Parece anacrónico o termo. Sem dúvida. Mas é na sua essência que se deverá desenvolver o Museu Municipal de Moura.

Os projectos museais terão de contar futuramente com o desenvolvimento das comunidades e da sua **participação** na vida do Museu. A fragmentação territorial em correspondência com os núcleos da vida económica, social e cultural da região, envolvendo a interdisciplinaridade como método de rigor destinado à interpretação, em oposição à cenografia museal.

Mas o M.M.M., até pelas particularidades que se reconhecem à localização dos mais diversos pólos que o deverão constituir, deverá ser uma **aposta na diferença**. E essa diferença está também na sua preocupação em ser uma porta aberta para os públicos com dificuldade de **mobilidade**. A eliminação de obstáculos físicos e de desníveis, a ampliação dos espaços de circulação que propiciam um maior conforto e segurança para funcionários e visitantes, a disponibilização dos conteúdos de informação expositiva nos mais diversos suportes que sejam um auxiliar a cidadãos com as mais diversas dificuldades motoras e visuais, devem fazer do Museu de Moura uma referência a nível nacional e internacional.

Acessos bem identificados, uma iluminação precisa e o percurso expositivo sem barreiras, facilitam a leitura e a percepção do discurso e dos objectos. O sistema de sinalética claro e conciso orienta e organiza percursos de visita. A linguagem simples e textos acessíveis que assegurem uma maior compreensão da comunicação com o tão diverso leque de visitantes, são parte de um caminho que será, seguramente, fundamental para que o M.M.M. cumpra, claramente, uma parte fundamental da sua função social enquanto espaço de criação cultural.



## *b) Sistematização de problemas (em termos genéricos)*

**N**uma fase em que o Museu Municipal de Moura atravessa um período de alguma indefinição estratégica, muito dependente de dinâmicas internas, mas também por opções de nível político que se inter cruzam, necessariamente, com os financiamentos que se canalizarem para esta área de intervenção, [enquanto não existir uma clara definição do QREN para esta área específica da “CULTURA” é impossível determinar até onde podem chegar os financiamentos neste âmbito] é fundamental efectuar uma radiografia aprofundada da realidade da instituição MUSEU MUNICIPAL DE MOURA, entendida como conceito transportador de modernidade

Ao nível deste documento, não nos parece eficaz levantar demasiadas questões do ponto de vista interno, até pelas implicações que, do ponto de vista institucional elas representam, nomeadamente no que respeita às competências e relações entre decisores e quadro técnico. Como tal, de uma forma genérica, importa-nos levantar alguns temas que nos parecem importantes na avaliação do funcionamento do museu e, necessariamente, abrindo algumas portas para iniciar a discussão proposta.

Sem qualquer tipo de preocupação nos problemas residualmente aqui levantados, mas indiciando o olhar neutro de quem avalia de fora para dentro, parece-nos que:

**i)** O edifício sede do museu necessita de uma reformulação profunda na organização dos espaços, na melhoria das condições técnicas de suporte à exposição e aos conteúdos programáticos, num estudo profundo para a criação de condições de comodidade, segurança e conservação do acervo do Museu Municipal de Moura, ou até mesmo ser encerrado, propondo-se para aquele espaço o funcionamento de uma outra valência [mesmo no âmbito da museologia];

**ii)** A exposição permanente de há muito que não oferece grandes novidades, em particular ao público local, encontrando-se extraordinariamente desactualizada na forma de apresentação dos conteúdos, no acondicionamento e apresentação do acervo museológico, no “ambiente” atmosférico e de luz oferecido ao visitante;

**iii)** Não existem catálogos que valorizem o espólio exposto, e mesmo o depositado nas reservas;

**iv)** Inexistência de uma programação de exposições temporárias que renove temporariamente, os motivos para novas visitas e, ao mesmo tempo, que provoque o público a entender o espaço do museu, como uma fórmula de aprendizagem e de discussão onde se vai com alguma frequência;

**v)** Ausência quase total de promoção e divulgação das actividades desenvolvidas pelo museu.

## 2.

### ANTECEDENTES E HISTÓRIA ACTUAL

#### a) *Breve resumo*

A história da museologia no concelho de Moura leva-nos a uma viagem de mais de uma centena de anos. Desde o último quartel do século XIX que o conceito de *Museu de Moura* começou a ser criado, assentando, fundamentalmente esse esforço na recolha do património arqueológico, tão à moda do Romantismo que grassava por essa fora.

A falta de espaços trouxe esse objectivo adiado até 1915 quando é instituída a Biblioteca-Museu. Mourenses como Fragoso de Lima ou João da Mouca, alimentaram ao longo de várias dezenas de anos as “reservas” de um Museu quase sempre em construção, contribuindo, na sua ânsia de colecção e de saber quase enciclopedista, para a preservação do património deste concelho e, em particular do património arqueológico.

Sendo este o principal mérito daquelas gerações de “cientistas” que defenderam, de uma forma abnegada, a memória destas terras da margem esquerda, importa compreender aos olhos de hoje a diferença de conceitos e, em particular, no que concerne à museologia. O adicionar vitrines, estantes, peças, onde o elemento de relação com o público é, unicamente, o do espaço “museu”, onde se vai sem questionar mas apenas observar, cristalizou ainda mais a relação com que o cidadão comum olha o museu, para mais quando aqui aparecia associado a uma “biblioteca”.

A partir de 1993 assiste-se à abertura de um espaço único para o Museu, com a preocupação de associar a uma exposição, neste caso a Epigrafia Romana, uma publicação cuja pertinência e mérito marcaram, indubitavelmente, o início de uma nova filosofia do “Museu Municipal de Moura”. Para simplificar a leitura deste documento, identifiquemos como primeiro este espaço da lógica polinucleada do M.M.M., se bem que cronologicamente o “Núcleo Árabe” ocupe essa posição.

É no contexto de um novo olhar para a intervenção museológica, em Moura, que foi criado, em finais dos anos oitenta, o Núcleo Árabe, procurando preservar e salvaguardar na “Mouraria”, juntamente com o “poço árabe”, algum do espólio que assinala a presença árabe nesta região e, em particular, na cidade de Moura. Não menos importante, e de certa forma traduzindo uma pluridisciplinaridade que está na base do “fazer museologia” do período pós-25 de Abril, a estrutura arquitectónica que alberga este núcleo oferece ao visitante o contacto com algumas técnicas tradicionais de construção, muito caídas em desuso, como a construção em taipa e as coberturas interiores de caniço.

O terceiro núcleo do Museu de Moura abre ao público em 2001, e é o culminar de um processo de preservação e protecção do exemplar único de um sistema de produção de azeite, similar ao utilizado em época romana, o “Lagar de Varas”, classificado como Imóvel de Interesse Público em 1988.

## *b) Estrutura actual*

O sector de Museu Municipal e Património Histórico pertence, organicamente, à Divisão de Cultura, Património e Desporto do Departamento Sócio-Cultural e apresenta um quadro de pessoal desprovido de algumas valências técnicas, quer ao nível da especialização e/ou experiência em museologia, quer ao nível dos serviços educativos, quer, inclusive, ao nível do restauro e conservação, que são indispensáveis para a construção de dinâmicas culturais e técnicas da instituição.

Do ponto de vista “físico” o M.M.M. pode caracterizar-se por uma estrutura física polinucleada, constituída por um “núcleo-sede”, o “Museu” (propriamente dito), localizado na Rua da Romeira, e dois outros núcleos que se caracterizam tanto pela especificidade histórica-arqueológica, como é o caso do “Núcleo Árabe”, como pela estrutura etnográfica e arquitectónica, de que o “Núcleo do Lagar” é um bom exemplo. Não entendido como pólo do Museu, mas pelas suas características um elemento fundamental para a futura lógica museográfica do Museu Municipal de Moura, o Castelo de Moura adquire um papel importantíssimo no roteiro museológico do concelho, função reforçada com a intervenção paisagística e pelo projecto de investigação arqueológica de que foi palco nos últimos quatro anos.

A abertura ao público obedece, genericamente, ao comum daquilo que se verifica em todos os museus, não tendo horários que se coadunem com o tipo de turismo que caracteriza a região Alentejo, nem com oferecer de hábitos culturais que se poderiam provocar nos públicos locais. É desprovido de sentido continuarmos a ignorar a abertura dos espaços museológicos no horário pós-laboral, coincidente com os períodos em que as condições climatéricas favorecem a sua visita e, em particular, ao visitante de fim-de-semana.

Neste capítulo importa, igualmente, fazer uma referência clara ao baixo número de visitantes no Museu Municipal de Moura, que é, sem sombra de dúvidas, o reflexo da total ausência de uma estratégia de promoção, para além de um défice profundo na política de animação dos três pólos do museu.

Poder-se-ão invocar algumas causas que justifiquem a fraca afluência de públicos ao M.M.M., como são os casos da péssima localização e os difíceis acessos ao “núcleo-sede”, assim como o baixo número de técnicos da instituição, não oferecendo grande espaço de manobra ao actual quadro de funcionários para o desenvolvimento de iniciativas que vão para além do que actualmente se efectua, assim como pelas temáticas do museu e que não vão de encontro aos interesses do tipo de públicos da região. Mas não é suficiente.

Do ponto de vista técnico e expositivo, o edifício núcleo-sede do museu sofre de problemas estruturais profundos, em particular no que concerne a questões de protecção de humidades, desequilíbrios de níveis de iluminação, que põem em causa a preservação do espólio exposto. É aliás o problema das humidades aquele que afecta a generalidade dos espaços expositivos, fruto da não adequação desses mesmos espaços às funções técnicas que se lhe exigem, e não apenas expositivas. Constatção que se repete na tipologia de vitrines e bases expositivas utilizadas, sem qualquer preocupação ou especificidade técnica que salvaguarde os materiais em exposição. Para mais, tendo em conta o “ambiente” que estes espaços museológicos oferecem.

A função formativa-educativa, que deve estar de uma forma íntima inerente à actividade do M.M.M., é particularmente disponibilizado nas visitas guiadas que se efectuam no Núcleo do Lagar, o que não é o bastante para uma cidade desta envergadura, desempenhando um papel central, em termos geográficos e sociais ao nível da margem esquerda do Guadiana, com uma riqueza patrimonial única e uma filosofia museológica polinucleada já intrinsecamente assumida pela instituição M.M.M..

### c) Coleções

O Museu de Moura não apresenta, nem oferece actualmente, uma colecção de excelência. Contudo, apresenta e tem algum espólio, inclusive colecções, particularmente interessantes do ponto de vista “cénico-museográfico”. Dentro dos diversificados conjuntos que compõem as “Reservas” e a “Colecção Expositiva Permanente”, e retirando a especificidade única e particular do “Lagar de Varas”, poder-se-á salientar a colecção de Arqueologia, que após um aprofundado trabalho de estudo e restauro, poderá oferecer um espólio que abrange um amplo período cronológico de valor insofismável, extraordinariamente adaptável a projectos de exposição que se coadunem tanto com conteúdos programáticos do público escolar, como a iniciativas específicas integradas em projectos de animação da autarquia e do próprio M.M.M..

Gostaríamos de salientar as colecções de Cerâmica do Convento de Santa Clara, com cronologias balizáveis entre os séculos XVI e XVII; o espólio do Castro da Azougada, que para além de um grande conjunto de material cerâmico, inclui algumas peças em bronze de extraordinária importância científica e histórica; a colecção de armaria, com espólio de cronologias entre o século XVI e o século XX; todo o espólio proveniente das escavações arqueológicas do Castelo de Moura; a colecção epigráfica romana; para além de outros conjuntos, menos importantes, provenientes de diversas doações.

Não menos importante, e numa perspectiva de criação de campos de intervenção que sirvam de estudo para o desenvolvimento de exposições temáticas e áreas de intervenção museológica, importa valorizar alguns aspectos da especificidade natural e histórica do concelho, cujas potencialidades são únicas e de potencial interesse regional e nacional, abrindo um sem número de campos exploratórios dos quais salientamos:

- o património geológico da serra da Adiça e Preguiça;
- a realidade geográfica e natural do concelho, com particular destaque para a área da Contenda e espaços envolventes, onde se pode incluir, igualmente, a história das contendias;
- os “castros” e a especificidade pré-histórica da área do concelho, com particular relevo para os “Ratinhos”, a “Azougada”, o “Álamo”;
- os templos e os rituais religiosos do concelho de Moura; a Guerra da Restauração e a sua relação com o conceito de “portugalidade”;
- a lenda da “Moura Salúquia” e a mediterraneidade do concelho;
- a arquitectura popular, com a valorização, em particular, de técnicas tradicionais de construção como a taipa e a cal, as abóbadas e as abobadilhas, as chaminés, os elementos decorativos e as representações sociais da habitação;
- a volumetria do casario e as lógicas urbanas da construção histórica do Alentejo...

Enquanto colecção, entendemos que o Lagar de Varas e toda a componente histórica, antropológica e etnológica que carrega, oferece-se como “peça” única do Museu Municipal de Moura, podendo ser referência na política museológica a desenvolver, fundamentalmente pela ligação que do ponto de vista técnico, socioprofissional e histórico representa para a memória da comunidade mourense.



#### *d) Núcleos existentes*

##### 1. Rua da Romeira (núcleo central)

Ocupando as instalações do antigo Celeiro Comum, edifício identificado como “Casa do Rato”, oferece uma exposição permanente pouco uniforme e desconexa, que demonstra a inexistência de um discurso “expositivo” coerente, constituída por um acervo depositado ao longo de mais de uma centena de anos no “Museu de Moura”.

Da Etnografia à Armaria, passando por algum espólio de arte africana e por uma interessante colecção de espólio arqueológico, o núcleo central do Museu de Moura é, assumidamente, mais um depositário de antiguidades, do que um “Museu” cujo papel deveria ser o de assumir a preservação e a valorização da memória, assentando na interpretação da “dimensão cultural da paisagem e da Natureza que a sustenta”.

O espólio proveniente das escavações arqueológicas é, cada vez mais, o grande conjunto do acervo deste núcleo, fruto do acumular proveniente das recolhas ocasionais realizadas ao longo de uma centena de anos, assim como pelos projectos de escavações arqueológicas que se desenvolvem no Castelo de Moura, obrigando a multiplicar as necessidades de armazenamento, conservação e tratamento desse espólio. Torna-se evidente, a cada vez mais premente necessidade de um corpo técnico que corresponda mais efectivamente às exigências provocadas pelo desenvolvimento de vários projectos arqueológicos no concelho de Moura.

O núcleo-central do M.M.M., demonstra uma grande falta de qualidade técnica dos elementos expositivos, para além do seu mau estado de conservação, o que é um sinal evidente de uma estrutura caduca, cujas funções parecem ter terminado, devendo estudar-se uma outra funcionalidade ou utilização.

Quanto à localização e às acessibilidades, este núcleo museológico não prima pela excelência. Não é fácil chegar ao local, não é fácil o estacionamento automóvel, assim como não ajuda a localização. Paralelamente, a sinalética externa é quase inexistente. É aliás na ausência de uma sinalização atractiva e eficiente na cidade e no concelho, que passa muito dos números “negativos” de visitantes do M.M.M..

## 2. Núcleo do Lagar de Varas

Lagar de azeite do século XIX, através dele entramos no quotidiano do mundo rural do Portugal agrícola que iniciou o seu desaparecimento há cerca de cinquenta anos. Peça única da proto-industrialização, oferece-nos um conjunto importante de leituras para aprofundar o conhecimento da região, das suas actividades mais importantes, da qualidade dos seus recursos e das potencialidades endógenas. Para além da história do lagar e a reconstituição do seu modo de funcionamento, ao visitante é-lhe aqui oferecido um conjunto estético de particular exotismo, tanto pela simplicidade do espaço, como pelo jogo de sombras que oferece a simbiose entre a estrutura arquitectónica e o mecanismo “industrial”. Importa referir, contudo, a necessidade de rever a exposição que se oferece ao visitante perante a majestade do espaço, a temática tratada e a qualidade do design.

Para além desta estrutura museológica, funciona como depósito e “laboratório” de tratamento e restauro do espólio arqueológico proveniente das escavações que se têm realizado no concelho.

### 3. Núcleo Árabe

**P**rimero núcleo museológico do Museu Municipal de Moura, desenvolve-se em torno dum exemplar único dum poço de origem medieval, ao qual se associou algum espólio de época islâmica, funcionando este pequeno espaço como um interessante conjunto de introdução histórica ao tema da ocupação islâmica no Portugal medievo. Localizado na Mouraria, o “poço árabe” funciona como elemento congregador da especificidade cultural mediterrânea, já que o edifício onde está instalado oferece ao visitante algumas técnicas tradicionais de construção.

#### 4. Museu do Rio – Santo Amador

O núcleo do Rio do Museu de Santo Amador, não pertencendo ao conjunto de núcleos do Museu Municipal de Moura, não deixa de ser uma peça importante nesta lógica de construção da nova estrutura museológica do concelho.

Localizado na área do concelho, a cerca de 13 quilómetros da cidade de Moura, o Museu do rio aborda de uma forma simples a interacção histórica entre o Ardila e as populações das suas margens desde há muito anos. Procurando através do jogo de luzes, da relação objecto-homem e na referência à memória histórica do local levar o visitante para uma lógica de usufruto como se estivesse no rio, é um espaço que evoca um dos mais importantes referenciais da memória do concelho. Tanto histórico como antropológico, tanto simbólico como social.

Apesar de não fazer parte da estrutura do Museu Municipal de Moura, pode ser um elemento de destaque na criação de uma distinta lógica de gestão do M.M.M.. Em particular, integrando uma rede de núcleos a criar no concelho, com vista à dinamização de actividades de animação cultural, tendo como palco os núcleos/espacos museológicos dessa rede.

### *e) Inventário*

O Museu de Moura, assim como a maioria dos museus da Rede Portuguesa de Museus, utiliza como software de inventário o programa MATRIZ. Com um espólio calculado de 1500 peças (cf. dados de Julho de 2007), estão neste momento inventariadas 941 peças (Janeiro de 2008).

Naturalmente que a estes dados não estarão associados os correspondentes aos projectos de arqueologia que decorrem no concelho, nem aos realizados nos trabalhos de minimização da intervenção arqueológica do Castelo de Moura, nem tão pouco à Colecção do Convento de Santa Clara. Mas apesar disso, e contando que estão em exposição cerca de 250 peças, não deixa de ser uma colecção de alguma magnitude.

A relação com os responsáveis pelos projectos de Arqueologia, e perante a ausência, na estrutura orgânica do Município, de um Gabinete que superintenda essa função, deveria a instituição “Museu” procurar integrar na sua base de dados o espólio proveniente dos diversos projectos de Arqueologia.

### 3.

#### **O MUSEU MUNICIPAL DE MOURA FACE AO FUTURO**

**É** para nós evidente que o Museu de Moura pode assumir um papel muito importante no processo evolutivo de desenvolvimento local e sustentável. Numa primeira fase, procurando enquadrar o seu plano de crescimento e consolidação institucional e técnico no âmbito do QREN. Num futuro menos próximo, desenvolvendo parcerias e projectos de desenvolvimento que sustentem o funcionamento da instituição. Nessa fase, assumindo-se uma estratégia com uma forte componente empresarial, não sendo de descurar a possibilidade de estabelecer parcerias entre o Município e outras instituições que operem na região, inclusive com o objectivo de criar uma Fundação, proporcionando um projecto que estabeleça a rede e as estruturas necessárias para encontrar o caminho mais em consonância com o objectivo geral do Museu:

**o estudo, valorização e promoção do património local e regional, através da oferta de um serviço inovador e de qualidade.**

Desta forma, provoca-se o aumento efectivo do número de visitantes à região e favorecendo o aparecimento de iniciativas que levem à criação de emprego e riqueza no concelho de Moura.

Através da inventariação de alguns elementos de análise que auxiliam a olhar uma intervenção museológica de fundo no concelho de Moura, estabelecemos quatro campos, geralmente utilizados em análises SWOT, mas que aqui têm como principal objectivo representar aquelas que nos parecem as grandes oportunidades e as grandes lacunas do programa museológico actual e as portas que se abrem nos próximos tempos.

Esta análise, sumária por opção, não incide objectivamente sobre nenhuma particularidade da instituição “Museu Municipal de Moura”. Acima de tudo, pretendem-se abrir algumas portas para a avaliação da estratégia a estabelecer e para a criação de pistas que estarão na base da proposta de intervenção museológica para o concelho de Moura.

### a) Pontos fortes

- △ Existência de um importante conjunto de colecções coerentes do ponto de vista museográfico;
- △ Existência de uma filosofia polinucleada na actual lógica de funcionamento do Museu Municipal de Moura;
- △ Riqueza e diversidade do património arqueológico e histórico do concelho de Moura;
- △ A cidade de Moura assumindo implicitamente um papel de centro polarizador do espaço geográfico da Barragem de Alqueva, fundamental para a criação de públicos consumidores do serviço/produto museológico;
- △ A qualidade de espaços e elementos arquitectónicas em toda a área do concelho;
- △ “Dimensão territorial” do concelho, permitindo uma estratégia de promoção concertada e abrangente;
- △ Diversidade paisagística e natural do concelho, evidenciando-se o espaço natural da Contenda;
- △ Existência de espaços com apetência museológica;
- △ Integração na Rede Portuguesa de Museus (a situação de suspensão, até ao momento de reorganização do plano de museologia do concelho, pode ser positiva);
- △ Edifícios propriedade da Câmara Municipal de Moura;
- △ Iniciativas empresariais que poderão querer estabelecer pontes com o projecto museológico, nomeadamente, no âmbito da Lei do Mecenato ou integrando a criação de uma Fundação.



## **b) Pontos fracos**

- △ Ausência de qualidade cénica do actual Museu de Moura;
- △ Falta de uma estratégia de marketing para o Museu;
- △ Espaços museológicos assentam em exposições permanentes e anacrónicas;
- △ Ausência de renovação de equipamentos;
- △ Ausência de novas linguagens discursivas;
- △ Acessos difíceis e ausência de espaços de estacionamento;
- △ Ausência de um programa de animação museológica;
- △ Inexistência de uma equipa pluridisciplinar adstrita ao Museu ou, em alternativa, falta de um profundo relacionamento entre o Museu e os outros Departamentos da autarquia.

### c) Oportunidades

- △ Quadro de Referência Estratégica Nacional que começa agora a desenvolver estratégias de financiamento;
- △ Criação de uma “região” de turismo centrada na região do Alqueva (Terras do Grande Lago), onde o concelho de Moura está integrado;
- △ Contiguidade territorial com Espanha;
- △ Conteúdos e interesses históricos, naturais, sociais comuns com o país vizinho e, em particular, através da porta que se abriu com o processo de geminação com Aroche;
- △ Possibilidade de desenvolver conteúdos programáticos, planos de trabalho na área educativa e a criação de cursos e acções de formação, tendo como parceiro privilegiado a Comoiprel;
- △ Abertura do concelho a novas tecnologias e nova áreas do saber, com a entrada em funcionamento da Central Fotovoltaica da Amareleja.

#### **d) Ameaças**

- △ Ausência de um quadro de pessoal especializado no Museu de Moura;
- △ Custos de manutenção elevados perante a realidade museográfica assente na lógica estática polinucleada;
- △ Ausência de uma estratégia de parcerias com outras instituições, em particular do concelho, que aprofunde a relação do museu com a comunidade;
- △ Falta de condições de segurança e preservação do espólio do Museu de Moura;
- △ Inexistência de uma equipa de Restauro e Conservação;
- △ Necessidade de fazer alterações de fundo no actual núcleo sede do Museu de Moura, para alterar radicalmente a imagem do MMM para o exterior;
- △ Ausência de um espaço museológico profundamente enraizado nos valores culturais e na memória oral e antropológica do concelho.

#### 4.

### ESTRATÉGIA PARA O PERÍODO 2008/2013

#### a) Objectivos – financiamento

O financiamento da actividade, funcionamento e manutenção do Museu Municipal de Moura, deve ser olhado não como uma fonte de despesas à qual está normalmente associada a actividade sócio-cultural, mas como um custo indissociável dos processos educativos e formativos indispensáveis para o desenvolvimento da comunidade local, cujo sentido de responsabilidade deve ser assumido, na ausência de uma política de carácter regional do Poder Central, em primeira instância, pelo Município, enquanto figura jurídica representativa dos **interesses e anseios das suas populações**. Entendível, como tal, como um preço que cada comunidade deve assumir na preservação e construção da sua memória-histórica.

Como tal, e tornando-se cada vez mais evidente que um produto cultural tem que ter uma gestão em que a premissa **“prejuízo financeiro” não tem que estar presente**, entendemos que o papel educativo e formativo que entre outras funções o Museu deve assumir, poderá ser uma fórmula sustentável de financiar o funcionamento da instituição. Da mesma forma que o Museu deverá desenvolver na sua função lúdica a apetência para associar a investigação científica e técnica à prestação de serviços, à mostra e venda de resultados que advêm dessas actividades, permitindo defender a fundamentação de que o Museu pode e deve procurar uma gestão que tenha uma preocupação para **diversificar as fontes de financiamento**, com uma política de receitas efectivas, e não apenas no que concerne à venda de bilhetes nas exposições, como erradamente é prática corrente.

O aluguer de espaços nos museus; a venda de direitos pela utilização de imagens, fotografias e símbolos; os serviços de guia a empresas de turismo; o aluguer de peças para exposições, entre outros, são sem sombra de dúvida, caminhos que permitirão abrir **novos modelos de gestão** a aplicar no futuro Museu Municipal de Moura.

A **criação de uma Fundação**, que incorpore entidades públicas e privadas com interesses na região, que possa gerir a instituição museológica é, no actual panorama económico, uma hipótese a equacionar para, dentro de um prazo útil, o Museu de Moura desenvolver um programa museológico consistente e eficaz.

Até pela pouca segurança quanto à existência de fundos comunitários que, através do QREN, possam ser canalizados para a área da museologia e da cultura em geral.

## *b) Quadro de Referência Estratégica Nacional*

As actuais indefinições da política cultural do Poder Central não permitem, objectivamente, estabelecer uma estratégia que encontre no Quadro de Referência Estratégica Nacional (QREN) a fonte de financiamento para o desenvolvimento do projecto museológico de Moura. No entanto, e considerando a integração do Museu de Moura na Rede Portuguesa de Museus, não deixa de ser evidente que neste quadro deverão ser encontradas algumas das fontes de financiamento mais importantes para o desenvolvimento de qualquer projecto deste âmbito. Nomeadamente, o correspondente à “aquisição de equipamento para conservação preventiva”; “aquisição de mobiliário e equipamentos para as Reservas”; “obras de remodelação”.

Perante esta realidade, e aproveitando a especificidade transfronteiriça do concelho de Moura, assim como as relações que o município tem com alguns “ayuntamientos” espanhóis, pode permitir o estabelecimento de uma estratégia conjunta que, no âmbito dos programas transfronteiriços, facilite a candidatura a fundos comunitários da renovação ou consolidação de novos espaços museológicos, nomeadamente da efectiva construção ou remodelação de um novo núcleo-sede do Museu Municipal de Moura.

Por outro lado, parece-nos importante que o desenvolvimento dum novo programa museológico deverá estar em consonância com programas de intervenção urbanística e renovação paisagística, consolidando a malha urbana da cidade e das aldeias do concelho, nos casos em que tal possa acontecer. Casos como o do Museu do Rio, em Santo Amador, assim como o do Núcleo da “Restauração”, em Santo Aleixo da Restauração, são exemplos de intervenções que poderão conciliar a componente museológica com a renovação paisagística e urbanística.

### c) *Lei do Mecenato*

O Estatuto do Mecenato, estabelecido ao abrigo do Decreto-Lei 74/1999, de 16 de Março, é uma figura comumente utilizada para estabelecer parcerias entre o público e o privado, para que estes financiem actividades que, naturalmente, são financeiramente deficitárias ou cuja concretização e/ou êxito dependem do reforço de verbas fora do quadro dos financiamentos públicos.

As vantagens deste caminho de financiamento estão expressos no respectivo decreto, mas *grosso modo* resumem-se à criação de um regime claro e incentivador, com unidade e adequada ponderação da sua relevância, e à definição da modalidade do incentivo fiscal, em sede de IRS a de IRC.

No caso concreto que pretendemos aqui valorizar, e tendo em conta que na hierarquização relativa aos benefícios, o Governo optasse por atribuir preponderância ao mecenato social, como estabelece o nº3 do Artigo 1º do Estatuto do Mecenato, salientamos contudo que são considerados custos em valor correspondentes a 120% do respectivo total quando estes se destinarem exclusivamente à prossecução de fins de carácter cultural, ambiental, desportivo e educacional ou a 130% quando atribuídos ao abrigo de contratos plurianuais celebrados para fins específicos que fixem os objectivos a prosseguir pelas entidades beneficiárias e os montantes a atribuir pelos sujeitos passivos.

Não sendo uma fórmula de incentivo de grandes “ganhos” para as entidades doadoras, não deixa de ser um estímulo importante para a empresa ou o empresário que, ao ganho que for retirar em sede de IRC ou IRS pelo contributo concedido, possa associar a imagem do museu ou da iniciativa específica que apoia para a sua promoção pessoal e institucional.

Apesar das dificuldades económicas por que passa genericamente o aparelho produtivo em Portugal, assim como a pouca disponibilidade financeira da maior parte das empresas, pensamos que este pode ser um caminho complementar importante, acima de tudo, tendo em conta que a produção de azeite, a produção de energia e o turismo, algumas das áreas em maior crescimento no concelho de Moura, são aquelas que mais têm crescido no tecido empresarial português.



#### d) Orçamento camarário

A cultura, vista aqui genericamente, continua a ser olhada como uma preocupação menor dos orçamentos das entidades públicas. No entanto, a actividade cultural, é o fundamento único para o estabelecimento e o aprofundamento das relações entre o munícipe e o seu concelho, para a sua valorização formativa, educativa e pedagógica. Está, objectivamente, na base para a criação de um nível de auto-estima elevado, valorizando-o nas relações no interior da comunidade, mas igualmente na imagem que transparece para o exterior.

Contudo, e apesar do reconhecimento da importância cada vez maior da cultura para os processos de desenvolvimento local (em Espanha, a Cultura representa 3,2% do PIB, num patamar idêntico ao da Agricultura), não é muito comum encontrar-se um Município que ponha no mesmo prato da balança a actividade cultural ou as obras públicas, a renovação urbana ou a construção de equipamentos colectivos.

A museologia/museografia pode funcionar como um elemento de intersecção entre a cultura e a construção de equipamentos/obras públicas necessárias para se atingir um nível de qualidade de vida de referência ou, ainda, para poder responder às opções/estratégias políticas ou autárquicas. Para isso, é importantíssimo que se saiba exactamente a importância que ao nível da renovação urbana e paisagística a museologia/museografia pode ter um papel extraordinariamente útil, não só na definição de estratégias e de *timings* específicos de intervenção, como no estabelecimento de um diálogo profundo entre a memória e o presente.

O museu não é só o edifício, a equipa técnica, o objecto. É acima de tudo o homem. E nessa perspectiva, o orçamento da autarquia pode adaptar-se a um conceito de desenvolvimento que tenha o homem como referência, na sua impressionante e eterna dimensão, muito acima da obra efémera, do *show business*, do tempo do acaso.

### *e) Objectivos técnicos*

**A**s alterações objectivas que deverão efectuar-se na política museológica do Museu Municipal de Moura, nos próximos anos, têm na criação e consolidação dos objectivos técnicos, as premissas indispensáveis para o desenvolvimento de um projecto reconhecido pela sua qualidade, tanto a nível local/regional como a nível nacional.

São objectivos simples, estreitamente ligados a algumas tarefas que têm vindo a ser desenvolvidas, sem contudo estarem terminadas ou sem decisões claras quanto aos caminhos a seguir para a sua concretização. Falamos, muito claramente, ao nível da realização do inventário e, necessariamente, na criação de um quadro de pessoal de competências firmadas, em particular ao nível das áreas técnicas da conservação e restauro.

O primeiro objectivo passa, na nossa óptica, no conhecimento profundo do acervo museológico. Não só do ponto de vista tipológico, histórico ou etnográfico, mas igualmente, das suas condições de conservação e das necessidades especiais de utilização/exposição. O terminar do trabalho de inventário do espólio do MMM é uma tarefa prioritária nesta fase de alguma indefinição estratégica e no “compasso de espera” provocado pela construção de novos espaços museológicos ou na adaptação de outros.

Esta tarefa obriga, necessariamente, a um trabalho rigoroso, obrigando a um acompanhamento técnico quase contínuo de quem realiza esse inventário, de forma a normalizar as linguagens e a corrigir interpretações e/ou informações incorrectas. O quase enciclopedismo que se pede a quem desenvolve projectos de inventariação, não se compadece com a ausência de uma actividade acompanhada e discutida entre todos aqueles que nele participam. O largo leque funcional, cronológico e tipológico do acervo do MMM obriga à existência de uma equipa multidisciplinar de formações científicas várias, ou então, alternativamente, à criação de protocolos de colaboração com algumas instituições científicas ou universitárias para acompanhar, ou mesmo efectuar, a realização desse mesmo inventário.

### **O mesmo acontece quando se trata do tratamento do espólio inventariado.**

A necessidade de várias competências nesta área para atingir parâmetros de alguma exigência e de qualidade, não se compadece com simples boas vontades de uma equipa reduzida e sem formação específica em áreas técnicas que, *a posteriori*, correspondam às necessidades de investigadores e público em geral, quando acedam às exposições ou mesmo à base de dados do MMM.

Há um processo continuado, que obriga a trabalhos de conservação, restauro, tratamento do acervo do museu, alterações e correcções no inventário que, à falta de uma equipa permanente, obriga à contratação de serviços no exterior. O que nos parece o melhor caminho, não apenas no que concerne a custos, mas igualmente na responsabilização do trabalho efectuado.

Torna-se fundamental que, terminado o inventário, os elementos sejam disponibilizados a todos os interessados, colocando essa base de dados *on-line*, desenvolvendo, como tal, um sítio do MMM, associado ou inserto na página oficial da Câmara Municipal de Moura, onde estivesse disponível para consulta. A sua actualização quase diária, oferecerá uma dinâmica pouco comum a páginas desta natureza, permitindo aos utilizadores/consultores uma intervenção quase constante e diária, oferecendo comentários, críticas, apreciações que darão, efectivamente, uma forte componente participativa ao sítio do museu. Ganhar-se-ia, de uma forma espantosa, uma nova informação, nomeadamente ao nível da identificação e utilização de regionalismos na identificação do acervo, dos “acertos” de cronologias e das classificações do espólio, da constatação de similitudes e/ou diferenças de tipologias e funções.

Naturalmente, que estas problemáticas associadas, tanto ao terminar célere e com qualidade do inventário do MMM, assim como do tratamento do acervo, implica a existência de uma equipa técnica com formação competente.

A criação de equipas técnicas no âmbito da instituição é quase sempre o melhor de todos os caminhos. Acima de tudo, se se conseguem adquirir dinâmicas, estabelecer motivações e valorar competências que oferecem à instituição e à comunidade mais valias, não apenas do ponto de vista técnico, mas também do ponto de vista pessoal e humano.

No entanto, nesta fase deve-se apostar no estabelecimento de parcerias com instituições especializadas ou na contratação de serviços específicos para a concretização dos objectivos técnicos, culturais e científicos que se pretendem atingir. A criação de uma equipa técnica no âmbito da instituição parece-nos muito importante, convenhamos que num espaço temporal mais lato e após a definição clara da estratégia do museu.

Complementarmente, a aquisição de novos equipamentos deve estar associada à remodelação do projecto de museologia, procurando encontrar nesta fase transitória, as condições ideais nos recursos existentes. O investimento deve efectuar-se mais ao nível da protecção primária (segurança e consolidação), do que da prevenção e restauro.

### *f) Objectivos pedagógicos*

Os aspectos educativos e pedagógicos são a grande preocupação de referência nas linguagens museológicas saídas do último quartel do século XX. Naturalmente, são um tema específico na abordagem museológica e, efectivamente, uma preocupação acrescida no diálogo entre o museu e a comunidade.

Como tal, o MMM deverá perspectivar na sua actividade futura, uma particular atenção para com os processos educativos e formativos e, em especial, na sua relação com a região. A **programação de trabalho na área educativa** deverá passar pelo estabelecimento de cooperações e de colaborações com outras instituições ao serviço da comunidade. Essa cooperação tem que ter os estabelecimentos de ensino, não apenas do concelho de Moura, mas igualmente dos concelhos vizinhos, como parceiros privilegiados na definição ou, pelo menos, na adaptação de alguns conteúdos expositivos.

Paralelamente, outras instituições que aqui desenvolvem as suas actividades económicas, nomeadamente na agricultura, com particular destaque nas áreas da produção de vinho e do azeite, para além das áreas do saber ligadas ao aproveitamento dos recursos endógenos, deverão ser eles também interlocutores neste processo de criação expositiva. Mas não apenas empresas e ou instituições de carácter económico. A larga história do movimento associativo no concelho de Moura, nomeadamente das suas filarmónicas, permite encontrar pontes de diálogo e colaboração no estabelecimento de estratégias de divulgação, preservação e valorização do património dessas entidades, fundamentais para a recuperação e preservação da memória dessa comunidade, mas também de toda a sociedade local e regional. O mesmo no que toca ao conhecimento de histórias de vida e de acontecimentos que podem ser recolhidos no lares da terceira idade, dando corpo à construção da memória social do concelho.

**A preparação de conteúdos expositivos**, deve aprofundar políticas de relação com os mais diversos públicos que consigam desenvolver nos municípios a titularidade sentimental e real do património local. Procura-se passar do processo de preservação-protecção-conservação-investigação para o fenómeno difusão-divulgação-utilização-usufruto-apropriação, indispensável, aos olhos das novas leituras museológicas.

De certa forma entendemos que deve existir uma nova abordagem ao entender a acção política do conteúdo expositivo, já que implica a sua ligação com uma posição progressista da conservação, fomentando precisamente o seu uso inteligente, assegurando o seu uso no futuro, mas convertendo-o como ferramenta de desenvolvimento na actualidade.

Sendo referência nos conceitos pedagógicas inerentes ao funcionamento de um museu, a criação de **maletas pedagógicas**, cujos conteúdos programáticos devem estar direccionados, essencialmente, para os 1ºs e 2ºs ciclos do Ensino Básico, têm que saber desenvolver uma perspectiva lúdico-didáctica, permitindo a dinamização e a promoção de laços afectivos entre a obra/comunidade/sítio e a comunidade escolar. O desenvolvimento de competências na área da expressão plástica e a exploração de diversos materiais que se relacionem com a especificidade local, deverão acompanhar uma actividade fundamental para a criação de hábitos de usufruto e criação cultural, fundamentais para o desenvolvimento individual dos jovens estudantes, o garante da continuidade cultural da comunidade.

A realidade polinucleada do M.M.M. permite uma abordagem pouco explorada nos museus portugueses e de importância vital na construção do discurso museológico:

**a** construção de percursos com especificidades temáticas adaptáveis ao interesse demonstrado pelos visitantes, à temática desenvolvida pelo museu à altura da visita, ao tempo que o visitante tem para essa visita e, naturalmente, aos conteúdos programáticos estabelecidos pelo calendário do museu;

a exploração dos vários temas que cada núcleo museológico oferece e o coadunar da sua organização em função dos conteúdos pedagógicos que se pretendem desenvolver, em particular em visitas de grupo, abre um conjunto de potencialidades de extraordinária dimensão ao nível da oferta do “saber” e, naturalmente, no fidelizar de públicos de instituições de ensino que sabem poder encontrar aqui a informação prática e experimental das realidades pedagógicas que ministram.

Evidentemente, que esta atenção especial que o Museu deve dar à comunidade educativa, passa pelo desenvolvimento em colaboração com as escolas, de projectos educativos no museu tendo como referente os conteúdos programáticos desenvolvidos nos mais diversos níveis escolares. Permite-se, desta forma, incentivar professores e alunos a adoptar metodologias de trabalho continuado com os museus, no sentido de construírem uma interacção permanente para a troca de informação e de recursos e que sirvam de motivação ao conhecimento, apropriação e reinterpretação criativa do património local e regional.

Aqui, cabe também a criação de ateliers e passeios temáticos, até com fins económicos, que se podem adaptar a várias realidades como sejam, por exemplo:

- as estações do ano;
- a evocação de determinado tipo de acontecimentos;
- o suporte informativo a congressos e seminários;
- a participação do Museu em iniciativas de carácter nacional e internacional;
- a organização de iniciativas integráveis em eventos de carácter local...

### *g) Objectivos científicos*

**N**a base da estratégia do Museu, e na perspectiva de que a função investigação, quer de modo próprio quer em parceria com universidades ou instituições de carácter científico, faz parte das preocupações da gestão do museu, tem que estar o desenvolvimento de iniciativas de carácter científico que aumentem a informação disponível, fundamental para a construção das bases informativas a disponibilizar aos mais diversos públicos.

Essa construção de conteúdos passa, por um lado, pelo estudo das colecções do museu, assim como de todo o espólio que vai integrando o seu fundo, mas acima de tudo, na construção de documentação de apoio às exposições, às iniciativas e eventos que o Museu organiza.

Esta necessidade específica, e de pouca visibilidade para o visitante que quer usufruir de um “produto” acabado, que transmita saber e responsabilidade científica, obriga à criação de uma equipa multidisciplinar, ou então, ao estabelecimento de parcerias com instituições de carácter científico, para não referir a aquisição de serviços especializados, para o estudo dessas colecções e temáticas expositivas que se pretendem desenvolver.

A realização da **Carta do Património do Concelho de Moura**, tendo como principal objectivo a identificação e inventariação de todas as espécies de interesse patrimonial e histórico, relevantes para a preservação da memória colectiva de Moura, abarcando o património arqueológico, edificado, religioso, etnográfico, gastronómico, artes e ofícios, histórico e associativo, aparece-nos neste contexto como fundamental para o início da construção de uma lógica museológica que tem a história cultural, social e histórica da comunidade de Moura como base experimental de trabalho.



Da mesma forma torna-se premente a conclusão da **Carta Arqueológica do Concelho**, instrumento fundamental para o conhecimento da lógica ocupacional que marca a evolução histórica da região de Moura, e que está perfeitamente documentada, se bem que de uma forma desordenada, no fundo de reservas do museu, fruto dos processos de recolção que estão na base da construção do Museu de Moura.

O inventário sistemático desse espólio, assim como a sua contextualização cultural, trará ao Museu de Moura um dos mais extraordinários fundos documentais da história local de uma região.

5.

### PROPOSTA DE TRABALHO 2008/2013

#### *a) O Museu Face à Rede Portuguesa de Museus*

O Museu Municipal de Moura face a uma estratégia de renovação e de criação de uma nova imagem, assente na inovação e na contemporaneidade, deverá saber efectuar rapidamente uma transição clara de um funcionamento pouco arrojado e assente numa lógica tradicionalista, para um conceito de modernidade, onde o cénico se entrecruza na intervenção do público e na valorização da comunidade.

## *b) Museu Municipal de Moura: espaço(s) e conteúdos*

O Museu deve assentar a sua filosofia no território enquanto recurso complexo que integra a população, o meio físico e os recursos naturais. É dessa lógica que deriva o desenvolvimento sustentável de uma região, passando por uma valorização cultural que manifeste a singularidade e especificidade do seu capital humano e estimule a confiança da comunidade em si mesma e na sua capacidade criativa.

É nesta perspectiva que entendemos dever assentar a política do Museu Municipal de Moura e, necessariamente, a construção de uma nova linguagem e abordagem ao território. Se a comunidade de Moura, a preservação, valorização e promoção do seu património histórico e cultural, estão na base do Museu Municipal, é fundamental que a instituição não se encerre nas lógicas locais e abra as portas ao conhecimento de outras realidades museológicas e científicas, com a criação de uma rede de parcerias abrangente.

A participação em redes que agrupem pessoas, instituições e organizações autónomas comprometidas com a investigação, fomentando desta forma novos pontos de vista, acesso a outras exposições, avaliação e discussão de métodos de gestão, cooperação com outros profissionais absorvendo e dando a conhecer as diferentes expectativas e fórmulas de intervenção, trarão ao Museu um amplo conjunto de mais valias informativas e formativas, que sustentarão grande parte da actividade do museu. Em particular, da disponibilização de conteúdos e espólio que alimente a organização de exposições temporárias directa ou indirectamente relacionadas com as temáticas programáticas e a estratégia desenvolvida pela instituição.

Neste âmbito, entendemos ser particularmente importante o aprofundamento de relações com: os museus integrados na Rede Portuguesa de Museus; a EDIA; o Campo Arqueológico de Mértola; a Universidade de Évora; as cidades geminadas com a cidade de Moura, nomeadamente Aroche (Espanha), Bissau (Guiné-Bissau) e Medjez el-Bab (Tunísia).

As dinâmicas que advirão deste aprofundar de relações no âmbito das parcerias, poderão funcionar como um auxiliar importantíssimo no envolver de outras estruturas e instituições locais, cuja história, actividade e objectivos se entrecruzem nos caminhos da memória da comunidade mourense.

Assim, a nova lógica museológica deve assentar, de uma forma clara, na diversidade e no reforço da localização polinucleada que já caracteriza o M.M.M.. Esta opção dará uma maior dimensão ao processo museológico e valorizará os distintos temas que, em função da diversidade geológica, histórica e natural do território do concelho de Moura, se poderão desenvolver. A temática da Restauração, em Santo Aleixo; a geologia nas serras da Adiça; os recursos naturais e as novas tecnologias, na Amareleja; o rio Ardila, em Santo Amador; os recursos naturais e ambientais, na Herdade da Contenda são algumas das iniciativas que poderão dar corpo a esta filosofia.

Esta dimensão que se pretende dar ao Projecto Museológico de Moura, provocará, acima de tudo, o envolvimento dos mais diversos sectores da comunidade mourense e a dispensa de uma maior atenção para a realidade e importância do seu património. Objectivamente, fará com que surja uma nova mentalidade em torno do conceito de Museu e, principalmente, a criação de um sentimento de responsabilidade das próprias populações.

### *c) Proposta de Núcleos para o Museu de Moura*

#### **i) Núcleo-sede do Museu de Moura**

Dada a especificidade estrutural do actual Núcleo-sede do M.M.M., localizado na Rua da Romeira, vulgo “Casa do Rato”, parece-nos uma decisão muito importante a instalação do novo edifício-sede no antigo Matadouro, conforme previsto no Plano de Pormenor de Salvaguarda e Reabilitação do Centro Histórico.

A adaptação deste espaço a Museu Municipal, vem proporcionar a instalação dos serviços técnicos do Museu, a criação de uma área de reservas com aproximadamente 200 m<sup>2</sup>, a instalação de um espaço expositivo para mostras temporárias, para além de proporcionar todas as condições necessárias para o acolhimento ao visitante, proporcionando imediatamente uma primeira abordagem aos temas em exposição, assim como ao território envolvente. Ao mesmo tempo, a localização do Museu no que respeita à cidade, próximo do acesso ao Castelo, à Mouraria e à malha urbana seiscentista que se desenvolveu a nascente, e a sua proximidade ao futuro terminal rodoviária, permite que seja maximizada esta situação nos percursos pedestres a realizar na malha urbana.

Nesta perspectiva, importa realçar que associado ao projecto de musealização do Matadouro está a requalificação do Rio da Roda, criando-se desta forma mais um motivo para o usufruto da envolvente ao sítio museográfico, oferecendo ao visitante/munícipe mais uma fórmula de diálogo que se pretende estabelecer na valorização do património histórico-cultural da cidade e na valorização da malha urbana. Paralelamente, dever-se-á iniciar a tão importante requalificação da Muralha seiscentista, adicionando-se, desta forma, uma componente arquitectónica preciosa que valoriza ainda mais a já interessante proposta de requalificação da zona envolvente.

Esta realocação do Núcleo-sede do Museu, permite igualmente rever a situação do Poço Árabe, um problema várias vezes levantado, fundamentalmente pela falta de condições técnicas e algum défice de informação que caracterizam aquele núcleo museológico. Exemplar único da cultura mediterrânea, a sua remoção e a recolocação no futuro Núcleo-sede do Museu de Moura, poderá funcionar como âncora na criação de uma exposição de carácter permanente assente na especificidade histórica e cultural do Sul de Portugal.

## ii) Castelo

Estrutura fundamental para a compreensão da evolução das estratégias de povoamento da cidade, o projecto de requalificação de que foi objecto desde 2002, regenerou aos olhos da cidade, um espaço que estava efectivamente de costas viradas para a cidade que criou.

A partir do Caminho de Ronda, e com a criação de um percurso específico para olhar e interpretar o espaço envolvente, podemos contextualizar a vila amuralhada sob o ponto de vista histórico e geográfico, quer na envolvente próxima quer na análise territorial mais alargada, recorrendo para isso à instalação de um leitor de paisagens (pequenos painéis com mapas e fotografias legendadas), onde seja possível recriar ao olhar do visitante a realidade histórica, geográfica e paisagística que se lhe apresenta.

Mas com esse percurso pode abrir-se igualmente ao visitante o interior da Alcáçova. Quer no respeitante aos seus aspectos construtivos, quer ao urbanismo histórico, deve materializar-se essa informação com elementos gráficos de fácil interpretação, com textos quase sumários, de fácil leitura e interpretação. Este percurso no interior do Castelo poderá ter como referencial informativo as estruturas postas a descoberto com as escavações arqueológicas, os edifícios ainda existentes intramuralhas, nomeadamente, o Convento das Freiras Dominicanas e a Igreja anexa, a Torre Salúquia e a lenda da sua morte, as siglas gravadas na cantaria da torre de menagem e o historial dos canteiros, para além da representação das estruturas assinaladas na Planta do Duarte D'Armas e a sua leitura no terreiro da Alcáçova, correlacionando-as com as estruturas arqueológicas postas a descoberto com as escavações realizadas nos últimos anos.

Ainda dentro da intervenção no Castelo de Moura, é imprescindível a recuperação do projecto de instalação do núcleo fotográfico de Zambrano Gomes. O fotógrafo mourense é um baluarte fundamental para a leitura e a compreensão da recente evolução histórica e urbanística do concelho de Moura.

A sua divulgação torna-se imprescindível para qualquer abordagem urbanística, arquitectónica, geográfica ou história em toda esta região e, a localização desse espaço deve ser, sem sombra de dúvida, o Castelo de Moura. E não apenas porque Zambrano é o fotógrafo que regista de uma forma extremamente crua e “realista” o quotidiano e a vivência das gentes da região. Zambrano Gomes imortalizou a arquitectura, a etnografia e a história duma região que esteve sempre fora dos roteiros dos fotógrafos mais afamados do século XIX e princípios do século XX. A divulgação do acervo do fotógrafo justifica-se, inclusive, no espaço amuralhado do Castelo de Moura. É que também aqui, Zambrano Gomes registou algumas das suas últimas habitações e alguns dos seus últimos habitantes.

O Castelo de Moura deveria assumir, objectivamente, um papel fundamental na estratégia museológica do Museu Municipal de Moura. Perspectivando, dentro do possível, que o seu usufruto pelo visitante fosse muito dentro de uma lógica de espaço aberto, sem grandes preocupações de segurança e onde o visitante sentisse a necessidade de ser ele, perante a oferta que se lhe disponibiliza, a traçar o seu circuito, o seu olhar.

Os materiais informativos e os conteúdos disponibilizados deverão ter sempre suportes que resistam às alterações climáticas, às amplitudes térmicas e, sobretudo, que sejam minimamente resistentes a actos gratuitos de vandalismo.

A este projecto de musealização do interior do Castelo, e na sua relação com o exterior, parece-nos fundamental relacionar a intervenção com a definição da Zona de Protecção Especial do Convento do Carmo e a reabilitação dos edifícios da frente urbana da Praça Sacadura Cabral. Acima de tudo, procurando assinalar a clara preocupação social e urbanística da intervenção museológica de forma a ganhar públicos tanto para o usufruto do espaço como para a compreensão da importância da museologia para o conhecimento e valorização da memória, mas também como instrumento de planificação e harmonização do espaço público.



Às iniciativas museológicas cujas temáticas necessitem da criação de um outro espaço de complementaridade de linguagens, de diferentes formas de olhar um mesmo tema, e que tenham a cidade, a região ou as suas manifestações sociais e religiosas como tema de abordagem, o Convento do Espírito Santo deverá servir como espaço de exposição e realização de eventos de carácter mais “reservado”, isto é, que necessitem de um tratamento de luz e sonorização mais exigente e específico.

### iii) Núcleo da Armaria da Torre de Menagem

Evidentemente que o Núcleo da Armaria da Torre de Menagem se enquadra na intervenção que perspectivamos e defendemos para o Castelo de Moura. É indispensável pela explicação sobre as fortificações medievais e modernas, as armas utilizadas e, inclusive, pela interpretação e leitura simplificada que se pretende oferecer das plantas de Duarte D'Armas, um espaço cénico que seja suficientemente atractivo para provocar a atenção e o interesse do visitante menos exigente ou menos motivado para temáticas mais específicas.

A localização do Museu da Armaria na Torre de Menagem vem, por outro lado, e ao nível da organização do espaço no interior da Alcáçova, criar um elemento imediato de visita que obriga a planear e a definir programa de minimização dos impactos visuais negativos de algumas intervenções arqueológicas, da criação de fórmulas de relação entre a Torre de Menagem e o espaço envolvente, na valorização cénica/visual de todo aquele espaço.

Será seguramente um espaço imprescindível à consolidação do Castelo como espaço centrípeto do programa museológico, acima de tudo porque a sua concretização se torna fácil dada a existência de um programa museológico já estabelecido, com todos os conteúdos informativos e bases expositivas definidas.

#### iv) Museu Gordilho:

Em 27 de Setembro de 2006 foi aprovado, por unanimidade, o protocolo a assinar entre a Câmara Municipal de Moura com o ourives e joalheiro Alberto Gordilho, com vista à instalação de um Museu de Joalheria Contemporânea, na Cidade de Moura.

O edifício onde deverá ser instalado o Museu, propriedade da Câmara Municipal, está situado no antigo Quartel de Bombeiros, na Rua da Vista Alegre, e receberá numa primeira fase 207 peças, nomeadamente, 12 esculturas em bronze, 67 colares, e as restantes diversas peças de joalheria. Este acervo, poderá vir a ser acrescentado pelo joalheiro ao longo dos próximos anos.

Localizado no Centro Histórico de Moura, numa área de transição do Matadouro para o Castelo, é, por excelência, pela temática da exposição, pela sua originalidade na região e pela sua localização, um projecto de indiscutível interesse para a comunidade e para o programa museológico do M.M.M..

Necessariamente, há um risco inicial relativamente ao conceito de intervenção que o projecto museológico pretende assumir. A temática, as necessidades de segurança, de acondicionamento técnico e protecção, deixam para segundo plano o visitante. Valorizam mais o autor e o espaço, a técnica e a peça, do que o conceito. Mas oferece um *leit-motiv* extraordinariamente forte para provocar a visita. Ao nível local e regional. E importa assinalar o facto do autor ser um cidadão da região. Esse facto, pode ser um elemento muito importante para ganhar os jovens para uma arte em desuso, mas de grandes potencialidades económicas e financeiras, sobretudo se associado à criação de emprego em novas áreas, nomeadamente no artesanato, na filigrana, na joalheria, etc.. Nesta perspectiva, parece-nos importante poder associar ao funcionamento deste museu, uma escola profissional que desenvolva programas de formação nestas áreas e nomeadamente no que toca ao trabalho de tratamento, protecção e prevenção da conservação correcta do acervo de joalheria e ourivesaria, para além de fabrico de réplicas. Seria de equacionar esta possibilidade com a COMOIPREL.

Mas não é suficiente. O “Museu Gordilho”, pode ser fundamental na promoção da cidade e do concelho, no exterior. Contudo, é fundamental um programa de promoção e de divulgação de dimensão nacional, acompanhado por um projecto de sinalização no interior da cidade e de informação nas zonas de aproximação à cidade, que funcione como chamariz para os públicos externos à região, afinal, aqueles que financeiramente podem ajudar a aumentar as receitas.

Como tal, é necessário o fabrico de réplicas de joalharia e ourivesaria que possam ser vendidas; a existência de um catálogo de qualidade, com um importante carácter técnico e pedagógico; assim como a venda de outros produtos promocionais do M.M.M..

## v) Lagar de Varas:

O Projecto de Musealização do Lagar de Varas assume, também ele, um papel imprescindível em toda a estratégia museológica e museográfica para o concelho de Moura. A excepção técnica e cénica do “engenho”, permite um relacionamento estrito entre contentor (museu) e conteúdos (colecções), apelando ao mesmo tempo para o valor intrínseco e endógeno da arquitectura industrial, enquanto espaço museal.

No quadro das transformações da paisagem industrial, a criação de museus industriais e técnicos constitui uma estratégia e uma forma de preservação da arquitectura do trabalho ou dos espaços laborais, como também dos equipamentos técnicos e máquinas e ainda da memória industrial local, regional e colectiva.

A importância que a olivicultura tem no concelho, assim como a memória histórica e social com que esta actividade tem vincado a vida socio-económica da região, obriga a olhar para este núcleo como uma peça fundamental do projecto Museu Municipal de Moura.

Ao mesmo tempo, o Lagar de Varas pode assumir um papel importantíssimo no abrir das portas do museu à comunidade através do estabelecimento de parcerias, nomeadamente com o CEPAAL (Centro de Estudos e Promoção dos Azeites do Alentejo), cuja sede localizada no edifício do ex-Grémio pode funcionar como ponte para a realização de um importante número de iniciativas, que tenha a Oliveira e a produção de azeite como base temática, e abrir-se ao desenvolvimento de um amplo leque de iniciativas em torno de temáticas culturais regionais como as da indústria alimentar ou da gastronomia.

Podemos assistir aqui a uma profunda e eficiente parceria que vem valorizar e sustentar, do ponto de vista histórico, a qualidade e excelência dos produtos regionais e, neste caso particular, o azeite. Paralelamente, não deixa de ser importante assinalar que essa parceria se poderá estender aos promotores do Projecto do Jardim das Oliveiras, localizado defronte do Lagar de Varas.

Estamos perante uma requalificação urbana importante, utilizando o símbolo por excelência do Sul mediterrânico, a oliveira e o azeite, como factor de desenvolvimento, requalificação urbana e salvaguarda da memória colectiva da comunidade.

A importância da musealização e, porque não, classificação e protecção dos bens industriais, permite sensibilizar outros actores para a salvaguarda e conservação do património técnico e industrial e na musealização de sítios e espaços relacionados com a memória técnica, social e funcional do trabalho. E, naturalmente, que esta intervenção pode ser importantíssima para a sensibilização de outros actores para outras acções mesmo a título privado. Caberá então à equipa do M.M.M. acompanhar todo este processo para, do ponto de vista técnico, proporcionar a construção de um programa museológico e museográfico correcto.

A actual exposição parece-nos pouco arrojada e deveria ser uma aposta maior no recurso às novas tecnologias para a passagem da informação, em particular aos públicos escolares.

## vi) Museu do Trabalho e do Imaterial

O esvaziar de funções da “Casa do Rato” vem abrir uma oportunidade única ao Museu Municipal de Moura para desenvolver um projecto pioneiro na preservação da memória oral e do património imaterial do concelho de Moura.

A chamada de atenção para a perda diária da memória imaterial e o nosso silêncio perante essa calamidade, vem da Convenção para a Salvaguarda do Património Imaterial, realizada em Paris em 2003. A declaração final chama a atenção para o facto dos *“processos de globalização e de transformação social, a par com as condições que contribuem para um diálogo renovado entre as comunidades acarretam, tal como os fenómenos de intolerância, graves ameaças de degradação, de desaparecimento e de destruição do património cultural imaterial, em especial, devido à falta de meios para a sua salvaguarda”*.

E apesar de existir *uma* vontade universal e uma preocupação comum em salvaguardar o património cultural imaterial da humanidade e *“reconhecendo que as comunidades, em especial, as comunidades autóctones, os grupos e, se for o caso, os indivíduos, desempenham um papel importante na produção, salvaguarda, manutenção e recriação do património cultural imaterial, contribuindo, desse modo, para o enriquecimento da diversidade cultural e da criatividade humana”*, o facto é que pouco ou nada está a ser feito para preservar essa memória.

E não estamos a falar de culturas ditas “do terceiro mundo”. Estamos a falar da cultura imaterial e, em particular, da memória oral.

Quase que exclusivamente, a cultura imaterial na região aparece representada no cante e nas manifestações musicais. Mas ela vai muito para além dessa realidade. Falta é, objectivamente, procurar, registar, estudar essas manifestações culturais para defender um dos mais importantes aspectos da cultura popular alentejana que, diariamente, fenece com os seus cultores e depositários dessa memória e dessa cultura.

Genericamente, este projecto museológico deve assentar na dicotomia material – imaterial, de descoberta do valor cultural e social do mundo do trabalho. Aqui, lado a lado ao estudo e divulgação do acervo material que caracterizou a realidade socioprofissional da região, deverá colocar-se o registo, divulgação e promoção da oralidade e das manifestações culturais do concelho. O cante e as manifestações musicais, os hábitos de socialização da comunidade e os “linguarejares”.

Quase que de uma forma natural e transversal, este projecto deverá ser acompanhada pelo registo fotográfico-digital de actores e espaços de memória, como as tabernas, os largos, as hortas, as cozinhas, as casas da malta, e, por sua vez, na digitalização e gravação da memória fotográfica que cada um dos entrevistados transporta consigo. Paralelamente, e com vista à informatização do inventário das colecções do museu e do acervo histórico das associações e autarquias do concelho, todo este processo de registo se pode alargar a todo o acervo da memória colectiva do concelho de Moura.

O espaço proporciona-se para a abertura das suas portas à criação de um projecto que seja ponto de encontro das gentes de Moura, com toda a tradição “socializante” que as caracteriza. O pátio adaptado a jardim, a existência de estruturas que permitam a confecção ocasional de “petiscos” e o associar a essas actividades manifestações de troca de informação nas mais diversas áreas da oralidade da região, poderão transformar este núcleo museológico, numa porta de entrada para a sensibilização dos mais diversos públicos na salvaguarda e valorização do seu património cultural. O lagar, deverá acolher a simplicidade do saber fazer em mostras temporárias ou, muito simplesmente, na sua adaptação a taberna... O espaço do jardim, pode acolher de uma forma simples, um jogo cénico de pequenos canteiros e espaços de água que nos transporte pela simplicidade das ervas de cheiro, das plantas aromáticas, dos chás e dos segredos emersos nestes saberes que, diariamente, desaparecem. A possibilidade de se poder concessionar este espaço a pequenos empresários ou a alguma instituição cultural que desenvolva actividades nesta área, deveria ser equacionada.



## vii) Museu do Rio

Na objectiva necessidade de alargar o M.M.M. para lá das fronteiras da cidade, o Museu do Rio de Santo Amador pode cumprir um papel fundamental neste objectivo. Não apenas por ser um Núcleo com um discurso museológico interessante do ponto de vista cénico, mas por poder funcionar como ponto de partida para interpretação da paisagem. E não apenas da paisagem agrícola. A presença referencial do Rio Ardila, os fáceis acessos à zona ribeirinha, a existência de moinhos e açudes que permitem usufruir mais “pedagogicamente” o rio, até na compreensão da relação entre a cultura cerealífera e o rio, e de como o homem adaptou a sua cultura ao aproveitamento dos recursos que uma e outra paisagem lhe proporcionam, oferecem a este pólo um papel indispensável no desenvolvimento do programa museológico para o concelho de Moura. Para mais, pela sua indissociável relação com a Barragem de Alqueva.

A própria experiência associativa e de gestão que levou ao aparecimento deste “museu”, permite utilizá-lo como referência a outras experiências que se possam desenvolver noutras localidades do concelho.

Por outro lado, é neste pólo que importa desenvolver outras iniciativas que dinamizem o espaço e promovam a região. Aplicar e comunicar as técnicas artesanais de construção de modelos de barcos, associando ao núcleo museológico uma oficina artesanal, onde inclusive se possam apreender as formas de articular as novas exigências de segurança com as potencialidades das embarcações tradicionais, são ideias que podem regenerar novos interesses por este rio e pela região.

É necessário, no entanto, rever alguns aspectos do núcleo museológico, que permitam renovar e inovar o discurso expositivo, nomeadamente com a sua ampliação e o recurso às novas tecnologias, para além da produção de novos conteúdos pedagógicos que sejam auxiliares para a compreensão do contexto natural, ambiental e cultural da região nos mais diversos níveis de aprendizagem dos estabelecimentos de ensino da região.

## viii) Casa do Sol

A museologia não pode escamotear o desenvolvimento da região e, muito menos, ser associada como uma “actividade” articulada ao passado. O seu papel de motor de desenvolvimento, quando assente na promoção da comunidade e na valorização da sua memória, dá-lhe toda a legitimidade de desenvolver conceitos que vão muito para além do registo do passado. A museologia é também um método. E aqui a sua relação com as novas ciências pode ser imprescindível para compreender a nossa relação com o “ontem”.

O desenvolvimento do projecto fotovoltaico da Amareleja deve abrir as portas à criação de um projecto que possa valorizar a relação do território com o Sol. A Amareleja regista, anualmente, algumas das mais altas temperaturas em Portugal, assim como um número de horas de Sol acima da média nacional.

O projecto da “Casa do Sol”, pode ser um interessante projecto a instalar na Amareleja, ligando-o às novas tecnologias e, em especial, ao aproveitamento da energia do Sol para a produção de energia.

Aproveitando o espaço de um antigo lagar para fazer dele um pequeno centro de ciência virado para as novas tecnologias, pode-se desenvolver neste espaço a demonstração de experiências nestas áreas e, ao mesmo tempo, musealizar objectos, espaços, valores que tenham que ver com a criação energética, desde o tempo da memória da região.

## ix) Ecomuseu da Contenda

Espaço de extraordinárias condições propícias para o desenvolvimento da fauna e da flora autóctone, pode assumir, entre outros, o papel de espaço de interpretação da natureza. Símbolo da protecção do gado mertolengo num período em que se temia pela sua extinção e, de igual forma, como centro de experimentação na recuperação florestal, para além de ser um espaço de cinegética de qualidade única, ali existe um dos mais importantes núcleos de veados do país, a Contenda é por excelência um dos espaços naturais mais importantes do país.

A sua revitalização pode passar pela sua musealização ou adaptação a Centro de Ciência Viva, dando particular ênfase às questões naturais, à relação do homem com a paisagem, ao aproveitamento dos recursos endógenos e à protecção do meio ambiente.

O “Ecomuseu” da Contenda pode ser um projecto dinâmico, criando pontes e estratégias de colaboração entre as mais diversas instituições do concelho e da região, em particular as vocacionadas para a pecuária e a agricultura, o ensino e a protecção ambiental.

Construindo-se nas estratégias de gestão muito direccionadas na rentabilização das potencialidades para projectos de investigação agrícola e ambiental, para além da educação ambiental, observação de pássaros, safaris fotográficos, etc., deveria ser integrado num percurso histórico que tivesse a Guerra da Restauração como pano de fundo, terminando em Santo Aleixo da Restauração e num programa museológico que se pudesse desenvolver na aldeia, para além de integrar o Convento da Tomina.

Este projecto surge, na nossa opinião, como meio de preservar, valorizar e potenciar um valioso património de forma integrada com a população residente. Permite a abertura de novas perspectivas de abordagem à actual estrutura socioeconómica da região. O turismo cultural e ambiental é, cada vez mais, uma componente económica a associar à realidade empresarial e social do concelho de Moura.

A par do papel museológico que o sítio pode assumir, em tudo o que o conceito “ecomuseu” assume, deverá saber complementar outras actividades que vão de encontro às necessidades locais, nomeadamente:

△ a recuperação de artes e ofícios tradicionais;

△ valorização de espaços naturais;

△ desenvolvimento do ensino profissional virado para as necessidades de formação do meio;

△ criação de pequenos núcleos visitáveis;

△ incentivar o turismo no espaço rural, nas suas mais diversas vertentes.

#### *d) Uma nova forma de gestão*

#### **i) introdução**

**P**ensar uma nova forma de gestão para o Museu polinucleado de Moura merece, naturalmente, uma reflexão profunda que passa pelas estratégias do Município que estarão na base das opções culturais e, naturalmente, do plano museológico a desenvolver no concelho de Moura.

Contudo, é naturalmente obrigatório, mesmo que não se efectuem grandes alterações no actual quadro vigente, tanto ao nível de espaços como de pessoal, que deverão efectuar-se câmbios que suportem as exigências técnicas a que se tem que responder para atingir o patamar mínimo de qualidade que se pretende com o projecto de museologia de Moura, e desenvolver uma mudança profunda de atitude face às carências de recursos humanos a que se assiste.

Estejamos conscientes que o trabalho museológico assenta, essencialmente, numa atitude de gestão não conciliável com uma postura de “funcionário”, cuja preocupação primeira é o cumprimento rigoroso do horário de funcionamento. E esse é o perigo maior quando se desenvolvem e/ou se pretendem criar equipas que realizam o seu trabalho numa lógica de “eternidade”, “aparelhística”, se quisermos.

O carácter educativo e pedagógico, que se pretende instituir, assim como a dinamização de um intenso trabalho de cooperação com outras instituições de forma a desenvolver um plano de exposições e uma dinâmica participada dos mais diversos públicos, obriga a desenvolver uma gestão dialogante, ambiciosa e interventiva, mas acima de tudo versátil.

### **Através da:**

- *Criação, divulgação e promoção de produtos relacionados com as actividades do museu;*
- *Elaboração, coordenação, execução e avaliação de planos, programas e projectos educativos e de animação cultural na sua área de intervenção;*
- *Intervir, de forma responsável, nos processos de identificação, musealização, intervenção e uso do património, entendido como representação da actividade humana no tempo e no espaço;*
- *Desenvolvimento de actividades que possam contribuir para a salvaguarda do património cultural de uma comunidade, num contexto de sustentabilidade que tenha a defesa do meio ambiente como premissa prioritária.*

No entanto, é importante salientar, que a integração do Museu Municipal de Moura na Rede Portuguesa de Museus, exige que se cumpra o estabelecido no Despacho Normativo 3/2006, que credencia os museus e que “exige o cumprimento de todas as funções museológicas enunciadas na Lei Quadro, bem como a existência de instalações adequadas, de recursos humanos e financeiros”. Qualquer orientação seguida deverá, obrigatoriamente, ter em conta uma realidade institucional estabelecida pela Rede Portuguesa de Museus, a que o M.M.M. pertence, e que poderá ser alvo de avaliações diferentes. Os “padrões de rigor e de qualidade no exercício das funções museológicas” exigidas pela RPM podem ter padrões de avaliação distintos dos entendidos pelo M.M.M., até pelos perigos de uniformização e normalização que os decretos, naturalmente, carregam, mas também pelas estratégias que o M.M.M. possa optar. Contudo, e dada a especificidade polinucleada do M.M.M., o pertencer à Rede Portuguesa de Museus traz um conjunto de factores que, sem sombra de dúvida, vêm valorizar o “museu” através da “cooperação institucional” e da “descentralização de recursos”.

## ii) Quadro de Pessoal

A gestão proposta para o M.M.M. deve assentar num quadro de pessoal com uma profunda autonomia na decisão e versatilidade nas funções a desempenhar. Ao mesmo tempo, com algum conhecimento das mais modernas correntes da museologia, ou dos conceitos que estão na base do desenvolvimento de um projecto de musealização, para não cair no ridículo “produzir” exposições tradicionais vestidas com as roupagens pós-modernistas que cumprem as regras e as técnicas de segurança e inventário obrigatórias, mas esquecem o diálogo com os públicos e a sua contextualização nas comunidades em que se integram. Para além de perceber e desenvolver uma profunda relação entre o M.M.M. e o meio, o conceito museologia deverá ser obrigatoriamente acompanhado pela dinâmica gerada pelas teorias da animação sócio-cultural, que se podem resumir **“num conjunto de acções dirigidas a gerar processos de participação da gente tendentes à dinamização do corpo social”**.

A equipa do museu deve desenvolver competências na especialização técnica em domínios relacionados com a avaliação do estado de conservação e protecção do acervo do M.M.M., assim como no desenvolvimento do diálogo com as mais diversas instituições, promovendo um intenso intercâmbio com todos os potenciais parceiros. Genericamente, é da direcção do museu que deverá sair a filosofia da política de incorporações, assim como das características das reservas do museu, da gestão do inventário museológico, das normas e procedimentos de conservação preventiva, da monitorização das condições de ambiente, na adequação dos espaços do museu à conservação dos bens culturais à sua guarda. O Plano de Segurança assim como as necessidades de vigilância deverão ser avaliados a partir da Direcção do Museu, em estreita colaboração com empresas especializadas ou com as forças policiais da cidade.

Sem criar uma estrutura muito pesada, o M.M.M. deve, em particular, apostar na contratação de serviços técnicos, ou estabelecer protocolos de colaboração com algumas instituições, nomeadamente universidades e institutos públicos, para o desenvolvimento de tarefas mais específicas e que obrigam a um nível de especialização mais exigente, evitando-se, igualmente a aquisição de equipamentos com custos financeiros elevados.

Do ponto de vista estratégico, deve ser equacionada a possibilidade de cada exposição ter um “Comissário”, tecnicamente competente, evitando-se, desta forma, um desgaste acrescido para a equipa permanente do M.M.M. em funções e trabalhos de investigação específica e especializada que bloquearão o funcionamento normal do Museu.

Naturalmente, todos os anos deve ser estabelecido um programa de formação para cada um dos funcionários do M.M.M., determinado na avaliação efectuada pelo funcionário e pela gestão do Museu, mas que deverá ter como premissa principal a valorização das fórmulas de contacto com o público e, em particular, no desenvolvimento de competências que consolidem a imagem de qualidade que se pretende que o M.M.M. ofereça.

A realização do Plano de Actividades, para além das obrigatoriedades legais, é um documento que deve ser participado, como método de implementação de uma política de abertura à comunidade.



### iii) Imagem e comunicação

De uma forma clara e efectiva, a gestão do Museu de Moura deve aprofundar uma política de marketing e relações públicas, de forma a procurar financiamentos, programas de intercâmbio entre museus e outras instituições, desenvolver uma imagem de qualidade, comunicação responsável e competência associada à instituição.

Quando referimos Imagem e Comunicação estamos a evidenciar as estratégias de criação de uma imagem positiva do M.M.M. através de canais confiáveis de comunicação e informação, desenvolvendo credibilidade e respeito dos públicos. A comunicação externa é aquela que nesta fase mais importa desenvolver e, em particular, visa despertar a confiança e fidelidade dos segmentos de mercado, através da inovação, da actualização de dados e informações e através da sensibilização para novos valores e paradigmas da sociedade.

Aqui está, indubitavelmente implícito, a necessidade de uma aposta clara na qualidade. No design, na arquitectura, na apresentação dos catálogos ou nos simples materiais de apoio para oferta.

Da mesma forma, deve ser criada uma **linha comercial** ligada ao museu e a alguns dos seus objectos e colecções, com o objectivo claro de criar receitas e promover a instituição. Da mesma forma que criar conteúdos educativos e formativos, em formato digital, nomeadamente em base DVD e CD, com informação sobre a História, Geografia e Meio Ambiente, torna-se necessário não apenas para promover a imagem do M.M.M. e consolidar o seu papel sócio-educativo, mas igualmente para criar receitas, desenvolver competências e aprofundar relações de intercâmbio com instituições de carácter científico.

É nesta perspectiva que se torna necessário que a **concepção das exposições temporárias pode ter sempre o apoio externo**. E não apenas na construção de conteúdos, ou no design, mas também na avaliação da(s) exposição(ões). Acima de tudo, na receptividade dos públicos e na qualidade da mensagem transmitida.

Esta avaliação poderá fornecer informações importantíssimas para a fidelização de públicos, para a melhoria das fórmulas de comunicação e promoção das iniciativas, para adaptar horários, formas de recepção aos públicos mais jovens, apoio a professores ou monitores de grupos de visitantes.

#### *a) Plano de divulgação*

Ao traçar um plano de divulgação anual para o M.M.M., está-se a contribuir para melhorar o relacionamento entre o Museu e a população em geral, através da informação sobre conteúdos educativos e expositivos, dos eventos a realizar e das diversas actividades que conformarão a actividade do museu. Ao mesmo tempo, esse plano deverá incluir as actividades em que o M.M.M. participará fora do território dos seus núcleos, demonstrando, dessa forma, a abrangência da intervenção do M.M.M. e, acima de tudo, a forma como representa e valoriza a comunidade aos olhos do exterior, transformando-se numa espécie de embaixador do concelho.

O trabalho de divulgação, deve ser assumido como um dossier autónomo, virado exclusivamente para a imprensa de carácter nacional, mostrando os recursos e procedimentos que são utilizados nos discursos cénicos e expositivos, a agenda de visitas ao museu, dando conta das actividades organizadas, pequenas entrevistas aos autores, designers ou arquitectos que intervêm nos espaços, etc., fazendo acompanhar os *press release* com o material fotográfico entretanto produzido. Anualmente dever-se-ão organizar visitas guiadas, exclusivamente para jornalistas convidados, coincidindo com uma nova exposição e dando conta dos principais projectos desenvolvidos pelo M.M.M..

#### *b) Guia do museu e boletim informativo*

É neste contexto que nos parece muito importante criar um guia geral do M.M.M., contendo informação sobre cada um dos núcleos. Paralelamente, e privilegiando as necessidades sócio-educativas, dever-se-á procurar criar uma edição por cada exposição ou núcleo, desenvolvendo-se uma prática de divulgação que é também

de promoção, perspectivando a permuta de exposições com outros museus e instituições e, sem dúvida nenhuma, marcando do ponto de vista qualitativo a produção do M.M.M..

Na sua relação com o público, a criação de um Boletim de periodicidade trimestral, parece-nos fundamental. Por um lado, servindo de elemento organizador, coordenador, das actividades do museu. Aqui se dá conta das actividades, das exposições; aqui se faz o balanço e se dá conta das actividades realizadas no trimestre anterior; aqui se poderão divulgar entrevistas, declarações de alguns dos comissários/organizadores de exposições, etc.. Por outro lado, este boletim servirá, igualmente, para divulgação de novas incorporações no Museu e, dessa forma, não permitindo uma arrumação *ad aeternum* do objecto, do documento, do sítio, da fotografia, nas reservas. Obriga a uma relação mais estreita do técnico com o público...

### *c) Sítio na internet*

A criação de um sítio especificamente dedicado ao Museu Municipal de Moura, que inclua todas as exposições dos mais diversos núcleos, assim como da documentação que as suporta, deve estar na primeira linha da estratégia do M.M.M..

Através do sítio da internet, o utilizador, previamente inscrito, pode aceder à listagem da documentação existente no museu, nomeadamente as publicações, os trabalhos de investigação, a descrição dos projectos que se estão a desenvolver e, inclusive, um *link* que permita um contacto directo do investigador, ou do grupo de investigadores com o público. Naturalmente, o utilizador deverá poder aceder ao espólio exposto e às respectivas fichas de inventário, em formato PDF. Os dossiers temáticos relacionados com cada uma das exposições dos núcleos, assim como o material de apoio à realização das exposições, deverá ser possível ser consultado pelo utilizador.

Esta profunda relação com o utilizador, desenvolverá um processo de diálogo informal que levará, seguramente, a um contacto real e, acima de tudo, com o

espírito de relação crítico que fomentará o usufruto mais frequente do utilizador. Tanto através do sítio como pessoalmente.

#### *d) Catálogos*

Cada exposição deverá ser acompanhada por um catálogo de explicação genérica e, em algumas situações, complementando a informação já disponibilizada na respectiva mostra. A objectividade e a síntese devem prevalecer neste “catálogo” e, sempre que possível, esta pequena edição deve ser gratuita. No entanto, cada núcleo museológico, assim como cada exposição temática cujo interesse o justifique, deverá ser produzido um catálogo com a contextualização da exposição e o desenvolvimento ou aprofundamento da informação já disponibilizada nos restantes suportes. Não deverá ser de excluir a hipótese de produção dessa informação em suporte digital, tarefa que se poderá rentabilizar de sobremaneira se introduzida, igualmente, no sítio da Internet.

Saliente-se que, sempre que possível, estes catálogos deverão ser efectuados por especialistas das respectivas áreas, para não se cair numa inflação de documentação de baixo valor científico – cultural.

#### *e) Monografias*

A existência de colecções de qualidade excepcional obriga, necessariamente, a um esforço da instituição para a edição de monografias sobre as temáticas em análise, podendo, inclusive, ser o fruto de seminários ou jornadas de trabalho que tenha como pano de fundo os conteúdos ou a contextualização desses conteúdos.

#### *f) Outras actividades*

A exportação da imagem do M.M.M. deverá passar por outros instrumentos, devendo privilegiar-se todos os métodos que promovam uma intensa relação com o Museu e o público. O desenvolvimento de actividades científicas e a disponibilização do espólio do Museu para a realização de estudos de investigação são, sem sombra

de dúvida, formas de valorizar o acervo do Museu, mas igualmente, uma fórmula para a criação de um público muito importante para a consolidação da imagem de competência e diálogo que se pretende associar ao M.M.M..

O proporcionar estágios profissionais a alunos de estabelecimentos de ensino que o pretendam realizar, mesmo quando o objecto de trabalho não tenha que ver directamente com os aspectos expositivos dos mais diversos núcleos, deverá ser uma política prioritária do Museu. Se quisermos, transformando Moura num destino obrigatório para o turismo cultural, cuja promoção se faz, em primeira-mão, pelos públicos criados na lógica de colaboração com as instituições de ensino.

A criação de exposições temporárias itinerantes que sejam mostradas nas localidades do concelho e que cheguem aos parceiros do museu, dão uma dimensão completamente distinta à lógica de produção de conteúdos e rentabilizam os recursos financeiros, técnicos e científicos utilizados.

#### iv) Horários e Funcionamento

É talvez ao nível dos horários de funcionamento dos núcleos museológicos que o M.M.M., mais deve aprofundar a discussão interna e promover a sua avaliação ao nível das Associações de Municípios da região Alentejo. Objectivamente, **os horários que se praticam não são os mais adaptados à realidade social da região** e, muito menos, às condições climáticas que caracterizam a região.

É necessário perspectivar o funcionamento do museu ao horário do cidadão comum. A abertura ao fim da tarde, as visitas à noite, assim como a adaptabilidade das visitas marcadas aos horários propostos pelo visitante é fundamental para oferecer um espaço que se quer ao serviço da comunidade. Aos funcionários pede-se **flexibilidade e colaboração** para fazer da estrutura museológica do M.M.M. um ponto de referência para a região.

A aposta na inovação e nas novas tecnologias é, sem dúvida, uma fórmula para resolver muitos problemas que se colocam com a falta de pessoal para acompanhar visitas, abrir portas dos diversos núcleos e estabelecer o diálogo com o público, de forma a esclarecer todas as dúvidas que se coloquem ao nível técnico. É por isso que a **inovação** deve ser na abordagem representativa dos materiais, na forma de exposição, no suporte das imagens, mas também ao nível das condições de segurança e da adaptabilidade às necessidades e dificuldades dos visitantes.

A rotatividade na abertura dos núcleos, um bom processo de informação com o visitante e um bom mapa de acessos, são fundamentais para criar hábitos de utilização flexíveis e adaptáveis aos vários públicos do M.M.M..

É aliás necessário criar uma sinalização urbana que seja eficiente para indicar a localização dos vários núcleos museológicos, mas acima de tudo, para “vender” uma imagem apelativa do Museu. A sinalética deverá ser um elemento fulcral no processo de comunicação com os vários públicos que se dirigem à cidade de Moura, mesmo que o seu interesse não seja exactamente o de visitar qualquer um dos espaços museológicos.

A gratuitidade do acessos em alguns dias específicos, que não apenas os festivos, e a criação de um cartão que permita a visita gratuita aos públicos jovens e aos munícipes de menores recursos económicos, deverá fazer parte da política do M.M.M..

## 6.

### CONCLUSÃO

*Em jeito de apontamento final deixamos à consideração da Câmara Municipal de Moura um conjunto de ideias, de sugestões e de caminhos que consideramos adequados à realidade de um museu com a dimensão do M.M.M.:*

*a) Salientemos, em primeiro lugar, a necessidade de se definir o modelo de gestão do M.M.M., sendo as actividades da instituição programadas/desenvolvidas a partir daí. Assuma-se, como ponto de partida, a absoluta premência de uma alteração de métodos de gestão, tanto no que se reporta à organização interna do museu como, sobretudo, no seu relacionamento com o meio e na sua forma de dinamização de actividades.*

*b) A necessidade de estabelecer uma estratégia final para o M.M.M., em função das decisões políticas que se seguirão à apresentação deste documento, obriga a que levantemos algumas questões que deverão, no âmbito do trabalho de gestão do Museu, ser equacionadas em função das decisões e lógicas internas.*

*c) Em particular, importa-nos evidenciar a necessidade de existir uma profunda e constante relação com os estabelecimentos de ensino, na perspectiva de poder promover constantemente actividades pedagógicas e educativas no museu. Este papel deverá ser desenvolvido por um técnico, com alguma relação com as escolas, exclusivamente dedicado a esta vertente da actividade do Museu.*

*d) Deverão, ao nível dos conteúdos e da linguagem expositiva, ser introduzidas alterações profundas, de forma a tirar o máximo partido das colecções existentes, colocando-as em confronto/diálogo com outras existentes a nível regional e nacional. Os aspectos de inovação deverão, contudo, incorporar novos métodos de trabalho e ir além da simples renovação do binómio exposição permanente - exposições temporárias.*



e) Assim, a instalação de percursos áudio para invisuais e cidadãos estrangeiros deverá ser uma grande aposta do M.M.M., cumprindo, não apenas a função social que lhe compete, mas igualmente, tornando-se percursor na criação de uma relação intrínseca e profunda com os públicos cujas dificuldades os inibem, muitas vezes, de consumir espaços de carácter cultural e social.

f) Deverão ainda perspectivar-se, tanto no domínio da investigação como no da conservação e restauro, o estabelecimento de parcerias com instituições museológicas e de investigação (em especial com as universidades) de forma a tirar o máximo partido do conteúdo das colecções, tanto ao nível do conhecimento das colecções, como da sua posterior divulgação. Admite-se, neste domínio, que o recurso ao outsourcing poderá resolver alguns dos problemas mais visíveis e persistentes da instituição.

g) Considera-se ainda que o M.M.M. deverá projectar-se para o exterior, mediante uma estratégia de divulgação prudente e auto-sustentada. Nesse aspecto particular há um longo caminho a percorrer no domínio das novas tecnologias (não só os aspectos referidos nas alíneas anteriores, como a necessidade de colocação online das colecções e do desenvolvimento uma página web do M.M.M.), mas também recorrendo a suportes e meios de difusão mais tradicionais (concepção e implementação de uma linha comercial, edição e difusão de catálogos).

h) Finalmente, a avaliação da actividade que o museu desenvolve deverá efectuar-se periodicamente por uma entidade externa à instituição, atendendo sobretudo à necessidade de melhoramento da qualidade do seu funcionamento de forma a atender às necessidades dos visitantes.

i) Esse estudo deve ser feito tendo como base de avaliação cada uma das iniciativas do museu, assim como o funcionamento genérico do M.M.M., devendo o público-alvo dos inquéritos/entrevistas ser escolhido de forma aleatória e não identificada, perspectivando-se, desta forma, uma radiografia mais clara da qualidade do serviço prestado pelo museu.

*Finalmente,*

*j) A proposta de Plano deve, também ela, ser sujeita a uma avaliação antes de se perspectivar a sua implementação.*

Moura, 27 de Março de 2008

*Miguel Luís Rego*

## INDICE

0. NOTA DE ABERTURA	. 2
1. INTRODUÇÃO	. 6
a) Definição de objectivos	. 6
b) Sistematização de problemas (em termos genéricos)	. 9
2. ANTECEDENTES E HISTÓRIA ACTUAL	. 11
a) Breve resumo	. 11
b) Estrutura actual	. 13
c) Colecções	. 15
d) Núcleos existentes	. 17
1. Rua da Romeira	. 17
2. Núcleo do Lagar de Varas	. 19
3. Núcleo Árabe	. 20
4. Museu do Rio – Santo Amador	. 21
e) Inventário	. 22
3. O MUSEU MUNICIPAL DE MOURA FACE AO FUTURO	. 23
a) Pontos fortes	. 24
b) Pontos fracos	. 25
c) Oportunidades	. 26
d) Ameaças	. 27
4. ESTRATÉGIA PARA O PERÍODO 2008/2013	. 28
a) Objectivos – financiamento	. 28
b) Quadro de Referência Estratégica Nacional	. 30
c) Lei do Mecenato	. 31
d) Orçamento camarário	. 33
e) Objectivos técnicos	. 34
f) Objectivos pedagógicos	. 37
g) Objectivos científicos	. 40

5. PROPOSTA DE TRABALHO 2008/2013	. 42
a) O Museu face à Rede Portuguesa de Museus	. 42
b) Museu Municipal de Moura: espaço(s) e conteúdos	. 43
c) Proposta de núcleos para o Museu de Moura	. 45
i) Núcleo-sede do Museu de Moura	. 45
ii) Castelo	. 47
iii) Núcleo da Armaria da Torre de Menagem	. 50
iv) Museu Gordilho	. 51
v) Lagar de Varas	. 53
vi) Museu do Trabalho e do Imaterial	. 55
vii) Museu do Rio	. 57
viii) Casa do Sol	. 58
ix) Ecomuseu da Contenda	. 59
d) Uma nova forma de gestão	. 61
i) Introdução	. 61
ii) Quadro de Pessoal	. 63
iii) Imagem e Comunicação	. 65
a) Plano de divulgação	. 66
b) Guia do Museu e boletim informativo	. 66
c) Sítio na Internet	. 67
d) Catálogos	. 68
e) Monografias	. 68
f) Outras actividades	. 68
iv) Horários e funcionamento	. 70
6. CONCLUSÃO	. 72